

A UTILIZAÇÃO DO GRAFITE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA REALIZADA NO MUNICÍPIO DE IRATI/PR

THE USE OF GRAPHITE AS AN IDENTIFICATION INSTRUMENT IN TEACHING GEOGRAPHY: A PEDAGOGICAL EXPERIENCE CARRIED OUT IN THE MUNICIPALITY OF IRATI / PR

Pablo Jonathan Prado¹, Daniel Luiz Stefenon²

¹ Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Professor de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). ² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência pedagógica ocorrida no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa no município de Irati-PR no âmbito das ações do programa Residência Pedagógica. Esta atividade foi parte da programação da “Semana da Consciência Negra” e objetivou, por meio da utilização da linguagem artística do grafite, realizar uma aproximação da disciplina de Geografia com elementos da realidade vivenciada por grande parte dos alunos da escola.

Palavras-chave: grafite, hip-hop, paisagem.

ABSTRACT

The present work consists of a report of a pedagogical experience that took place at the João de Mattos Pessoa State College in the municipality of Irati-PR through the Pedagogical Residency program. This activity was part of the programming of the “Black Awareness Week” and aimed, through the use of graphite artistic language, to bring geographic discipline closer to the reality of most students.

Keywords: graffiti, hip-hop, landscape.

Introdução

O presente trabalho consiste em uma análise acerca de uma experiência pedagógica realizada no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa, no município de Irati-PR, no âmbito das ações do programa Residência Pedagógica, com alunos e alunas do 8º ano do Ensino Fundamental. Apesar de estar localizado em um dos maiores bairros da Cidade de Irati, o colégio recebe alunos de outras localidades próximas, que segundo a constatação de campo, são bastante carentes e marcadas por problemas de ordem social como a violência e o preconceito.

Entretanto, em meio a tantos problemas, existe uma imensa riqueza cultural entre os moradores desses bairros, sendo que boa parte deles frequenta a escola. Segundo a professora preceptora, nesse grupo, é possível perceber que há uma forte predominância no uso de acessórios, roupas e objetos ligados ao universo *hip-hop*, movimento com raízes afro¹. Nesse sentido, houve a ideia da realização de uma oficina de grafite, pois as constatações no campo de atuação no programa Residência Pedagógica indicaram que existe uma grande dificuldade, por parte desses alunos, em afirmar suas raízes e identidades devido, principalmente, ao preconceito.

A oficina foi integrada como parte das ações da “Semana da Consciência Negra” no colégio e teve como objetivo fomentar a afirmação dessas raízes suprimidas socialmente e até dentro do próprio ambiente escolar, sendo também uma forma de aproximação da disciplina geográfica com a realidade de grande parte dos alunos, buscando fazê-los compreender as transformações socioespaciais por meio dessas manifestações artísticas.

Cavalcanti (2012) traz a ideia de que a geografia escolar é uma forma de mediar o encontro de culturas, neste caso, a cultura escolar e a do aluno. Além disso, Alves (2016) complementa que quando os alunos sentem-se inseridos nas práticas, eles tendem a apresentar maior interesse e aprendizado. Portanto, a realização dessa atividade representa uma confluência de expectativas acerca das aprendizagens dos estudantes, colocando o universo cotidiano deles no centro da atividade de ensino.

A fim de socializar os resultados e reflexões gerados pela atividade, serão apresentados, primeiramente, os princípios teóricos que fundamentaram o trabalho. Depois disso, realiza-se apontamentos sobre os resultados obtidos, a fim de destacar as possibilidades e limites do uso desse tipo de prática em aulas de Geografia na educação básica.

Geografia, arte e grafitti

A Geografia e a Arte estão mais conectadas do que é possível imaginar. Ao considerar que a ciência geográfica busca analisar as interações do ser humano com os seus espaços de vivência, os saberes artísticos, ao focalizarem uma dimensão mais ligada à subjetividade humana, permitem identificar nessas interações a expressão de sentimentos e saberes que de nenhuma outra forma seria possível de se traduzir

¹ O movimento surge com uma estética muito própria, com o uso de acessórios e vestimentas muito característicos. Com o tempo, o mercado apropria-se desses estilos e passa a vendê-los como artefatos culturais do movimento.

com a mesma intensidade e nível de detalhe. Em outras palavras, como disse Da Vinci ainda no século XV, “a arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível” (KRESS, 2000, p. 17).

Segundo Vygotsky (*apud* DUPRET, 2008), a arte é capaz de despertar paixões nos seres humanos, exprimindo seus sentimentos mais internalizados, dando maior vivacidade às práticas sociais. Em outras palavras:

A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel. (DUPRET, 2008, p.416).

Nesse sentido, a arte cria movimentos tanto de quem produz as obras, quanto de quem tenta as decifrar e assim exercitar a sua interpretação. Essa inquietação, por sua vez, se manifesta e dinamiza a porção espacial na qual ela está inserida. Em outras palavras:

A obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens (BARBOSA, 2000, p. 70).

Diante disso, pode-se dizer que a arte é uma forma de simbolismo na qual uma sociedade exerce a sua comunicação no espaço, expressando a sua cultura. Cosgrove (1998) traz essa ideia com maior profundidade, acreditando que essas expressões simbólicas na paisagem lhe conferem um aspecto mais humanizado. Além disso, ele incorpora à sua visão um aspecto crítico no que diz respeito à análise da paisagem, uma vez que ela é produzida por indivíduos pertencentes a uma classe. Isto, por sua vez, pode representar o exercício do poder na construção de identidades espaciais.

Claval (1999) também faz apontamentos acerca desse campo da subjetividade humana, ressaltando a sua importância, principalmente nos estudos culturais. De acordo com o autor “a percepção do real, os meios para modificá-lo e os sonhos, que muitas vezes servem de modelos para a ação, são produtos originados da cultura: é esta a importância destes temas” (p. 29).

A partir do que foi visto neste tópico, assume-se uma perspectiva em que a arte é vista como possuidora de um caráter dinâmico e que mostra que a cultura e a sociedade sempre estão em constante movimento. Nessa perspectiva, a comunicação exercida pelas obras possui um caráter simbólico. Desta maneira, tem-se também a manifestação do grafite como uma forma de expressão artística que é alicerçada, dentro da perspectiva de Cosgrove (1998), como manifestação humanizada.

Pode-se dizer que os primeiros registros de uma arte impressa nas paredes advêm da pré-história, por meio das pinturas rupestres, como uma forma que o ser humano encontrava de registrar a sua vida e deixar suas marcas nos territórios habitados. Outros registros pertencem ao Império Romano, sendo inclusive de onde surge o termo *graffiti* (inscrição sobre as paredes), mais precisamente em Pompéia, onde este tipo de manifestação era uma forma dos cidadãos promoverem a comunicação entre si (MITTMAN, 2012).

A manifestação por meio de desenhos continuou no decorrer da história e na década de 1960 essas inscrições nas paredes voltam a ganhar força. Em maio de 1968, o grafite ressurgiu como um importante instrumento de comunicação nos muros da França. Nesse período, durante as revoltas dos movimentos estudantis franceses, essa expressão artística passa a reivindicar um caráter de cunho político bastante evidente, propagando diversas ideias libertárias, convocando para eleições públicas e também para manifestações e atos públicos (SHISHITO, 2017). Desse modo, pode-se perceber a gênese de um caráter mais transgressor dessa arte no espaço urbano.

No entanto, o grafite em sua forma mais conhecida e que ganhou proporções globais, ou seja, como parte do movimento hip-hop, surge em Nova Iorque no final da década de 1960, mais precisamente em bairros com predominância de negros e latinos, tais como o Bronx, Harlem e Brooklyn (idem, 2017). Neste sentido, ele surge como um dos quatro pilares que, segundo Sunega (*apud* GOMES, 2012), sustentam o movimento *hip-hop*, juntamente com o DJ (Disc Jockey)², MC (Mestre de Cerimônia)³ e o *break*⁴. Segundo Balbino e Motta (*apud* GOMES, 2012) “o grafite é uma arte sem limitações espaciais ou ideológicas e isso faz dela democrática. Qualquer um pode fazer parte. A arte consegue tirar o espectador da mera condição de consumidor que ele experimenta ao observar um outdoor” (2012, p. 14). A partir daí pode-se dizer que ele se configura socioespacialmente como uma forma que busca dar voz a esses sujeitos silenciados, sendo que a partir de sua manifestação são capazes de denunciar as condições de pobreza de seus locais, o preconceito que sofrem e demais problemas que os afetam.

Contemporaneamente a esse período, essa manifestação artística chega ao Brasil, tendo as ruas de São Paulo como palco desse movimento. Nessa mesma época, o país passava pelo doloroso período da ditadura civil-militar (1964 a 1985). Sendo assim, o grafite configurou-se como importante meio de contestação aos “anos de chumbo”, mostrando-se um importante instrumento de resistência.

A partir da década de 1970, quando essa expressão artística passa a fazer parte com mais força da paisagem urbana em cidades de diferentes regiões do mundo, emerge a discussão – especialmente em contextos ligados ao mundo das artes – acerca dos limites entre o grafite e o que se convencionou chamar de pichação. Ambas as manifestações são feitas, em geral, com o mesmo material, estão presentes em espaços públicos e privados, marcando presença em muros, igrejas, escolas, entre outros espaços. Contudo, embora essas duas formas de expressão possuam um caráter transgressor e crítico, existem diferenças entre elas quando são vistas a partir de sua dimensão estética. Segundo Ramos (*apud* COSTA; CRUZ, 2008):

[...] na pichação, não há qualquer gesto estético qualitativo obrigatório, nem quanto à forma e nem quanto ao conteúdo (...) o processo é aleatório e anárquico, permite

² DJ (Disk Jokey) é o artista que reproduz diferentes composições trabalhando um pouco o seu conteúdo para um determinado público alvo;

³ MC (Mestre de Cerimônia) pode ser o termo designado ao artista que compõe as letras de rap e canta para o público ou também, o apresentador de cerimônia, não estando necessariamente ligado à música;

⁴ *Break* ou *breakdance* se refere a uma dança de rua criada por afroamericanos e latinos na década de 1970 nos Estados Unidos, dançada ao som do hip-hop.

que qualquer um possa atuar utilizando (giz, carvão, caneta, corretivo, tinta) escrevendo, desenhando, pintando ou rabiscando (COSTA; CRUZ, 2008, p. 102)

Por outro lado, Dupret (2008), traz uma concepção um pouco destoante da apresentada por Ramos, uma vez que aponta em ambas as manifestações fundamentam-se em concepções muito parecidas acerca de aspectos mais relacionados às técnicas empregadas e as produções. No entanto, pichadores e grafiteiros possuem diferentes representações no imaginário coletivo e distintos acessos aos espaços de expressão, o que indica diferentes formas de legitimação dessas manifestações pela sociedade. Em suas palavras:

Cabe esclarecer, entretanto, que existem algumas diferenças entre a pichação e o grafite, dentre elas gostaríamos de destacar em relação aos pichadores, a inovação, ousadia e sofisticação em criar tags e a própria manutenção no lugar de discriminados, excluídos e à margem das sociedades, invadindo monumentos, pichando fachadas de edifícios e lugares quase inacessíveis. Quanto aos grafiteiros, embora mantenham as características de criativos, inovadores, ousados, espontâneos, sofisticando seus traços, formas e letras, se fazem cada vez mais presentes nos diversos contextos, marcando historicamente sua inserção social e participação no mercado de trabalho. (DUPRET, 2008, p.417)

Entretanto, na concepção de Mittmann (2012), no caso da pichação existe um caráter de não compreensão dos códigos gerados pelos emissores da mensagem, que se realiza em um contexto de comunicação em um circuito restrito a quem compartilha as regras de sua produção. Neste sentido, passa a ser mais difícil para o indivíduo que vê de fora internalizar a mensagem ali gerada. Shishito (2017) esclarece que:

Devido a seu caráter transgressor de ocupação do espaço público, a *pichação* é pouco compreendida até os dias atuais, pois, diferente das expressões urbanas que a antecedem, é um movimento de escrita direcionado aos próprios atores desse movimento. É um código-território fechado: o *pichador* marca, apropria-se de um espaço físico, entretanto, essa comunicação circula apenas entre os demais *pichadores* (SHISHITO, 2017, p. 20)

Nesse sentido, pode-se dizer que o grafite representa uma forma de diálogo e comunicação entre diferentes sujeitos que habitam o espaço das relações cotidianas, por meio de um complexo conjunto de artefatos simbólicos. Em outras palavras, e em concordância com Cosgrove (1998), os sujeitos se comunicam e imprimem suas marcas no espaço por meio desse repertório de símbolos, apropriando-se desses espaços e criando neles territorialidades que são internalizadas pelos sujeitos que os vivenciam.

Portanto, tem-se no grafite uma forma de imprimir territorialidades e produzir identidades no espaço. Sendo assim, é possível afirmar que existem diferentes aspectos que ligam essa expressão artística e a Geografia, uma vez que esta é a ciência que analisa as manifestações do ser humano no espaço. Sendo assim, pode-se considerar também a potencialidade de uso deste tipo de manifestação enquanto recurso para o ensino de Geografia, tópico que será tratado a seguir com o objetivo de propor alternativas significativas para a aprendizagem geográfica referenciada nos saberes da ciência e também no contexto de vida dos estudantes.

A oficina: procedimentos

A oficina de grafite se constituiu como uma parte da programação da Semana da Consciência Negra que ocorreu no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa, localizado no Município de Irati/PR. A organização deste evento partiu da iniciativa da professora preceptora do programa Residência Pedagógica vinculada ao subprojeto do Curso de Geografia da Unicentro - Campus de Irati, juntamente com alguns outros professores que atuavam no colégio e os bolsistas-residentes que ali desenvolviam suas atividades.

Uma das principais justificativas trazidas pela professora é que diversos elementos da cultura *hip-hop*, como o *rap* estavam presentes na vida desses jovens, os quais eram compartilhados diariamente entre eles na escola. Além disso, segundo o que ela relatou, a grande maioria deles vivia em bairros com condições de vida bastante precárias, marcados diariamente pela alta criminalidade, a violência, preconceito (grande parte sendo de cunho racial) e descaso do poder público. Não bastando isso, ao chegarem ao colégio, eles não se sentiam pertencentes ao ambiente, uma vez que até mesmo a estrutura física não favorecia a manifestação livre desses grupos. Isso acaba indo ao encontro do que seria um conflito cultural estabelecido na escola. Segundo Cavalcanti (2012, p. 45), “a escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.”

Nesse sentido, havia um afastamento cada vez maior dos alunos com o colégio, devido uma grande divergência entre as normas estabelecidas e as identidades dos sujeitos que frequentam a escola. Isso, por sua vez, vai ao encontro da ideia em que:

[...] o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar uma dose de entusiasmo requerida para que o processo de aprender aconteça como uma mistura de todos os sentidos. Uma reviravolta dos sentidos (significados e potenciamento de todos os sentidos com os quais sensoriamos corporalmente o mundo), porque aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo o conhecimento tem uma inscrição corporal e, por isso, deve ser acompanhada pela sensação de prazer (ASSMAN, 1998, apud SANTOS e SCHIAPETTI, 2011, p. 168)

Baseado nesta busca em proporcionar um melhor aprendizado, buscou-se fazer do ambiente pedagógico um lugar que gerasse fascinação por parte do aluno a partir da aproximação com elementos presentes na sua realidade a fim de trazer maior sentido à prática de ensino e um resultado mais efetivo na aprendizagem desse sujeito. Isto também corrobora com a ideia de Alves (2016) no que diz respeito ao rendimento dos alunos nas atividades, pois eles, ao se sentirem parte da escola e incluídos na prática do professor possuem maior interesse e aproveitamento.

Baseado em todas essas ideias, foi seguida uma linha de ação para a realização da atividade. Devido à questão do tempo e em decorrência de diversas oficinas realizadas concomitantemente a esta, os alunos tiveram apenas 2 horas/aulas para realizá-la. Eles foram divididos em dois grupos de acordo

com a escolha da equipe pedagógica da escola. Sendo assim, um era composto apenas por meninos e o outro apenas por meninas, ambos da turma de 8º ano do colégio.

A oficina seguiu a seguinte configuração, dividida basicamente em quatro etapas:

1. **Explicação teórica:** nesta etapa, foram trazidos aspectos históricos acerca do grafite, seu caráter urbano ligado à cultura *hip-hop*, uma discussão acerca da diferença entre grafite e pichação e a apresentação de algumas imagens referentes a esta prática.
2. **Prática:** após a explicação, os alunos foram para a prática. Nesta etapa, por questões de dificuldades quanto à estrutura física da escola, a equipe pedagógica do colégio disponibilizou dois painéis de madeira com cerca de 1,5x2m para a realização desta atividade, sendo que um deles foi utilizado com os meninos e o outro com as meninas. De posse dos painéis, foram distribuídas luvas e latas de tinta spray aos alunos. Como vários teriam dificuldades com relação à produção de desenhos, foram também disponibilizados alguns moldes feitos com placas de material plástico a fim de incluir o máximo de estudantes na prática, de modo que, se sentissem motivados para participar.
3. **Exposição:** finalizada a etapa 1 e 2, os painéis foram postos em exposição no colégio durante toda a Semana da Consciência Negra.
4. **Aplicação dos questionários:** após a finalização das etapas acima descritas, foi aplicado um questionário de avaliação da atividade onde buscou-se explorar seus impactos na vida e na aprendizagem dos alunos.

Findados os procedimentos acima listados, promoveu-se uma discussão com um grupo focal, formado pelos estudantes participantes da oficina acerca das impressões sobre a realização da atividade, trazendo os pontos positivos e negativos de sua realização. Estes apontamentos, por sua vez, serão trazidos com maiores detalhes no próximo tópico, onde serão destacados os resultados obtidos.

Resultados e discussão: para além do azul e rosa

A realização desta oficina trouxe uma série de diferentes resultados, os quais foram trazidos ao debate e podem ser vistos no presente tópico. Para melhor avaliá-los, foram distribuídos questionários com cinco questões⁵ referentes à aplicação da atividade para que os estudantes participantes da oficina respondessem.

Em linhas gerais, é possível destacar, que não houve qualquer resposta negativa com relação ao fato de aprovarem a participação na atividade. Dentre esses alunos que assim se manifestaram, todos marcaram que a parte que mais se sentiram realizados foi justamente a atividade prática com a tinta spray.

⁵ As questões, de modo geral, buscaram explorar se a atividade despertou o interesse nos estudantes, qual a parte de toda a oficina que eles mais gostaram (teórica ou prática), se eles se sentiram inseridos na prática educativa ocorrida, a compreensão sobre como a Geografia e a Arte se juntam na produção do conhecimento e o papel crítico da manifestação do grafite.

Isso se deve ao fato de que se tratou de uma atividade de cunho diferenciado, utilizando-se de uma linguagem pouco habitual nas aulas da disciplina de Geografia, fugindo da rotina. Além disso, é possível afirmar, por meio das respostas, que foi uma experiência nova para muitos deles, já que tiveram acesso ao spray e puderam exercitar o movimento de impressão de sua marca na paisagem por intermédio dos símbolos por eles desenhados no painel, chamando-os a refletir sobre o papel da arte na transformação das paisagens.

Uma das preocupações da professora preceptora do programa de Residência Pedagógica, era que a atividade envolvesse os estudantes a partir de elementos que fossem próximos do seu cotidiano de vivência, a fim de que ela fizesse sentido para eles. Levando em conta as respostas dos estudantes no questionário de avaliação, onde a maioria afirmou que “gostou” de participar da atividade, pode-se dizer que o uso do grafite permitiu esse engajamento da maioria dos estudantes nas diferentes etapas do projeto didático.

Sendo assim, pode-se dizer que houve o envolvimento dos estudantes na atividade e a participação efetiva dos sujeitos no processo de ensino aprendizagem, corroborando com Assman (1998 apud SANTOS; SCHIAPETTI 2011) que destaca o fato de que quando há a atuação do corpo nesse processo, a aprendizagem tende a ser mais significativa. Nesse caso, pode-se dizer que eles puderam compreender o seu papel como sujeitos atuantes e transformadores da paisagem por meio da simbologia da arte.

Como a atividade foi realizada em dois momentos diferentes, em grupos que reuniram meninos e meninas alternadamente, os quais possuem corpos e percepções da realidade distintos, há uma significativa diferença nos resultados da realização da atividade.

Na primeira prática, ocorrida com os meninos, é possível fazer algumas ponderações. A primeira delas é que, apesar de utilizarem os moldes como uma forma de testar as diferentes cores de spray no painel, houve uma maior predominância da cor vermelha, seguido pelo verde e o preto em suas produções. A diversidade de cores utilizadas foi menor.

Outro aspecto, diz respeito a algo mais ligado à estética das produções, uma vez que houve menor preocupação com a plasticidade de desenhos, havendo mais grifos com assinaturas de nomes, tendendo para uma forma que seria considerada mais pichação do que do grafite. Esses detalhes podem ser vistos conforme consta na Figura 1:

Figura 1: Produção realizada pelos meninos em processo de construção



Fonte: Autores, 2019.

Pode-se dizer que na produção dos meninos houve uma postura transgressora mais evidente, que foi manifestada por meio spray. Do ponto de vista estético, o trabalho deles se aproximou mais do que poderia ser considerado como “pichação”, podendo ser interpretado como um aspecto desafiador das regras de sua produção, considerando que havia sido discutido em sala de aula as diferenças entre *grafite* e *pichação*. Todavia, registrou-se uma manifestação que claramente tinha a intenção de “sabotar” a proposta da atividade, posto que um dos meninos utilizou do spray para fazer uma inscrição de cunho político-partidário de extrema-direita sobre a placa. O período no qual ocorreu a atividade foi muito próximo ao término das eleições de 2018 e o político homenageado em questão foi o candidato vencedor na corrida eleitoral.

Segundo relatos da própria professora, o aluno responsável por essa manifestação possui um perfil bastante problemático e transgressor de regras dentro do ambiente escolar. Além disso, promovia mensagens de ódio aos seus professores e manifestava constante apoio às ideias de cunho radical promovidas por esse político. Desse modo, ele viu na oficina uma oportunidade de realizar tal ato, configurando algo de cunho provocativo completamente desafiador ao contexto da atividade, como também, ao mesmo tempo, foi uma maneira que ele encontrou para reivindicar maior visibilidade diante de seus colegas.

Toda essa situação, por sua vez, trouxe uma discussão interna entre os realizadores da oficina acerca da definição de princípios, critérios e procedimentos de orientação nas produções e o que seria interessante trazer para as próximas atividades a fim de melhor organizar o processo de aprendizagem. Desse modo, acredita-se que, embora tivesse havido problemas na realização da oficina, os princípios que regem uma educação de qualidade e que seja, de fato, libertadora, devem considerar uma metodologia mais propositiva e menos proibitiva. Partindo desse pressuposto, ao orientar melhor os estudantes, buscase fazer com que a realização da atividade ocorra de maneira mais satisfatória, uma vez que existem

objetivos a serem cumpridos e estes, por sua vez, devem estar de acordo com o projeto curricular da escola e com os princípios que fundamentam os direitos de acesso à escola e ao conhecimento. Desse modo, sabendo que a escola tem um papel de formação para a cidadania, sugere-se que as expressões dos estudantes e as atividades conduzidas pelos docentes estejam referenciadas em projetos claros e explícitos de aprendizagem, que possam dar conta das diferentes expectativas dos sujeitos e do conjunto de direitos que orientam a atividade escolar.

Após a primeira oficina, chegou a vez das meninas, que imprimiram diferenças significativas em relação à realização da sessão anterior com os meninos. Desta vez, pode-se notar que houve uma maior utilização de cores na produção em relação à primeira, havendo desenhos com maior vivacidade, com predominância do azul claro, vermelho, verde e amarelo. Nesse caso, houve uma menor utilização da cor preta e praticamente não houve a inscrição de grifos sobre as placas. Ademais, vale destacar a maior atenção delas com a plasticidade dos desenhos e a preocupação em tentar elaborar formas e cores diversas utilizando o spray. Sendo assim, houve uma maior aproximação do que seria considerado o “grafite”, conforme pode ser visto na Figura 2:

Figura 2: Produção realizada pelas meninas em processo de construção



Fonte: Autores, 2019.

Além do que foi dito, pode-se perceber uma manifestação com caráter bem menos transgressor do que a primeira sessão da atividade, bem como um diferente entendimento do que era a proposta. É possível destacar que houve inclusive o desenho simbólico de um arco-íris, que abre margem para diversas interpretações, relacionadas inclusive a fatores pessoais, como sentimentos, questões afetivas ou até a alguns problemas sociais existentes.

Assim como na primeira oficina, nessa também houve uma tentativa de manifestação de cunho político-partidário a um presidenciável do ano de 2018. Todavia não era o mesmo mencionado anteriormente. Nesse caso, tratava-se de um candidato de centro-esquerda, de orientação política completamente diferente do anterior. Isso, por sua vez, mostra certo contraste de visões entre os diferentes estudantes. Pode-se também imaginar que a tentativa de manifestação desta estudante tem a ver como

uma possível forma de resistência à que foi feita pelo seu colega de orientação conservadora, o que só confirma as potencialidades de uso do grafitti e da pichação como meios de expressão dos estudantes.

Na figura 3, podem ser vistas as produções lado a lado:

Figura 3: Produção final dos meninos e meninas do colégio



Fonte: Autores, 2019.

A realização da oficina traz interessantes pontos para a discussão, bem como mostra um pouco sobre como diferentes corpos são capazes de perceber o espaço vivido e de nele se manifestar. Nesse recorte específico, pôde-se perceber um pouco das diferenças de visões de mundo dos estudantes e como eles compreendem o papel da arte e de suas manifestações na construção das paisagens e das referências de identidade.

Apesar das dificuldades, pode-se dizer que houve uma aproximação entre a teoria e a prática pedagógica, conforme sugere Alves (2016), uma vez que ao analisar processo percebe-se que, de maneira geral, a oficina foi significativa aos alunos. Nesse sentido, consideramos que foi uma prática que cumpriu com o objetivo proposto de provocar o debate e a produção de novas representações sobre o tema.

Considerações finais

Pode-se concluir, por meio da realização desse trabalho, que o grafite é um importante instrumento utilizado pelo ser humano para se expressar. Trata-se de uma importante manifestação artística que se liga com o campo da Geografia, pois ao mesmo tempo em que exprime sentimentos de um indivíduo ou grupo, é também uma forma de exercer territorialidades em determinadas porções do espaço, e também de afirmação de identidades ligadas a esses territórios.

Todas essas importantes questões estão presentes na vida de muitos jovens, principalmente aqueles que vivem em localidades mais marginalizadas pela sociedade. Devido a isso, faz-se importante trazer o grafite como um importante instrumento didático da Geografia Escolar a fim de mediar o confronto entre culturas, conforme sugerido por Cavalcanti (2012). Além disso, a experiência realizada demonstrou ser uma forma de despertar o interesse do aluno, o que é muito importante para ele e para o

professor, especialmente no que se refere à elaboração de novas propostas didáticas a fim da obtenção resultados consistentes e pertinentes à vida de quem frequenta a escola.

Embora haja pontos negativos, que servem como forma de aprendizado no aperfeiçoamento para a realização de outras atividades, é possível afirmar que a oficina fez com que os alunos compreendessem um pouco mais desse universo que os circunda, aplicando conceitos na prática de uma forma mais lúdica e significativa. Além disso, a oficina mostrou também que, ao não serem tratados como meros expectadores, os estudantes sentem-se motivados e tendem a mais facilmente compreender o seu papel na transformação do mundo.

Contudo, cabe ressaltar também que as inovações metodológicas tendem ao vazio quando não possuem clareza acerca do que elas pretendem transportar, enquanto conhecimento a ser ensinado e aprendido. O potencial de atividades como essa depende diretamente da definição de objetivos claros e explícitos dos saberes conceituais, atitudinais e procedimentais envolvidos em sua elaboração.

As potencialidades do grafite como meio de expressão dos alunos são gigantescas, uma vez que permite a eles uma vivência diferente da arte, dentro da qual ele estará participando como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, refletindo também sobre questões socioespaciais e suas relações com o cotidiano. Além disso, permite também que eles possam compreender o caráter transgressor da arte de rua e seu papel na definição dos rumos da sociedade.

Por fim, espera-se por meio deste trabalho contribuir na produção de conhecimento científico que objetive elaborar novas práticas que aproximem cada vez mais a Geografia do universo vivido do aluno, de modo que, desperte seu interesse pela escola e pelo conhecimento. Além disso, é inegável a contribuição que a atividade promoveu na formação docente dos bolsistas-residentes e demais envolvidos no processo, demonstrando que programas que promovem a interação entre universidade e escola – como são o de Residência Pedagógica e o PIBID –, são importantes instrumentos contextualizados e significativos para o desenvolvimento profissional docente.

Referências

- ALVES, C. C. E. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), fev. 2016, p. 27-34.
- BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. **GEOgraphia**. Ano II, n. 3. Rio de Janeiro: UFF, 2000.
- CAVALCANTI, L. S. A “geografia do aluno” como referência do conhecimento geográfico construído em sala de aula. In: **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45–47.
- CHIAPETTI, R. J. N; SANTOS, R. C. E. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011, p.167-184.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural: o estado da arte*. In: Manifestações da Cultura no Espaço. (Org.) R.L. Corrêa et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999b, p. 59-97.

- COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 222-236.
- COSTA, M. T.; CRUZ, D. M. Grafite e pichação – que comunicação é esta?. **LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95–112, jul./dez. 2008.
- DUPRET, L. Subjetividade e arte de rua: 100% graffit. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.12, n. 2, p.413-421, 2008.
- GALO, F; SHISHITO, A. A.A resistência do lugar e o grafite: identidade, cidadania e meio ambiente no distrito de Grajaú em São Paulo-SP. In: **XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 2017, São Paulo. Anais XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.
- GOMES, R. L. **Território usado e movimento hip hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- KRESS, R. C. C. **Consciência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 200. v. 1000. 248p.
- MITTMANN, D. **O sujeito-pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2012.
- SHISHITO, A. A. A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 11, n. 2, p. 16-24, 2017